



"Aquele mar eu não conheço" — responde o professor. "Nunca fui lá. Mas posso lhe dar um saber que o ajudará a se aventurar pelo desconhecido..." Na pesquisa o mestre ensina o que não sabe

# Sobre os professores e as cozinheiras

*Olho para a educação com olhos de cozinheira e me pergunto: que comidas se preparam com os corpos e mentes das crianças e adolescentes nesses imensos caldeirões chamados escolas?*

"Ridendo dicere severum".  
Nietzsche

RUBEM ALVES  
Especial para o Estado

Antes de dizer o que tenho a dizer sobre educação sinto necessidade de dar aos meus leitores uma informação sobre a minha idade. Sei que isso pode parecer irrelevante, de um ponto de vista científico, pois para a ciência a verdade não tem idade. Mas eu não sou um cientista. Apenas sigo um conselho de Kierkegaard, que dizia que "a pessoa que fala sobre a vida humana, que muda com o passar dos anos, deve ter o cuidado de declarar a sua idade aos seus leitores".

Isso para que os leitores, conscientes do tipo de olhos que estão sendo usados por aqueles que escreve, possam fazer os devidos ajustamentos nos seus próprios olhos.

(O mundo, visto através de um olhar matinal, não é o mesmo, quando visto através de um olhar crepuscular. Uma linda ilustração deste fato se encontra nas telas de Monet, que pintava o mesmo monte de feno muitas vezes, pelas diferentes horas do dia: sob cada luz diferente o monte de feno se transformava em outra coisa. Meu olhar é crepuscular.)

É possível que Barthes tenha lido Kierkegaard, pois o fato é que, ao final de sua *Aula*, ele confessa que o seu jeito de pensar decorria do momento crepuscular em que vivia. Partindo dessa confissão, ele descreve os três momentos na vida de um professor.

Há um tempo na vida em que o professor ensina aquilo que sabe: transmite aos seus alunos os conhecimentos sedimentados, as receitas de a experiência passada testou e aprovou. Vem depois o tempo em que o professor ensina o que não sabe. Havendo navegado por muitos mares, o professor se encontra com o aluno, que lhe diz: "Quero navegar naquele mar!" — e ao dizer isso aponta para um vazio nos mapas que pendem na parede. "Aquele mar eu não conheço" — responde o professor. "Nunca fui lá. Mas posso lhe dar um saber que o ajudará a se aventurar pelo desconhecido..." É o tempo da pesquisa. Na pesquisa o mestre ensina o que não sabe.

Mas aí, surpreendentemente, Barthes anuncia que a passagem do tempo o fizera chegar a um novo momento: o momento de esquecer e desaprender os saberes que o passado sedimentara sobre o seu corpo. Esquecer e desaprender, a fim de chegar a um saber esquecido: *sapientia*, que quer dizer: nada de poder, uma pitada de saber, uma pitada de sabedoria, e o máximo de sabor possível. É possível tomar essa confissão de Barthes como manifes-

tação da suave loucura que, freqüentemente, se apossa dos velhos. Ou é possível ouvir nele o barulho das asas da coruja de Minerva, levantando vôo ao crepúsculo, tal como Hegel profetizara: Barthes, o sábio.

*Sábio* se prende etimologicamente, a "sapio", eu saboreio, e *sapientis* é conhecimento saboroso. Barthes, ao ficar velho, libertava-se da maldição ocular da filosofia denunciada por Bachelard, um jeito de pensar a partir do olhar, pensar para ver — e se transferia para o lugar do sabor: a boca. Filosofar a partir da boca, pensar para ter prazer...

(Atrevo-me, assim, sob a proteção da velhice, a confessar que o meu pensamento sobre a educação, à semelhança do pensamento de Barthes, se faz a partir do lugar onde o prazer é preparado: a cozinha...)

○ SABOR, O  
PRAZER, É O  
OBJETIVO DA  
VIDA; O SABER,  
O MEIO PARA  
O FIM ÚLTIMO  
DO PRAZER

Se, aos que só sabem pensar de maneira ocular, tal proposta parece ser coisa não séria, lembro que as semelhanças entre processos da inteligência, aos quais a educação se liga, e processos digestivos já foram amplamente reconhecidos por filósofos respeitáveis. Lembro-me de que entre eles estão Santo Agostinho, Nietzsche,

Ludwig Feuerbach, que chegava ao ponto de afirmar que "somos o que comemos". E bem no nosso quintal se encontra o movimento antropofágico, que propunha uma teoria de assimilação cultural, de educação, portanto, à semelhança de canibalismo.

As especialistas nos prazeres da boca são as cozinheiras. Gostaria de, preguiçosamente, poder me dedicar a fazer "meditações sobre o método culinário", implícito na opção filosófica de Barthes, mas espaço de jornal mais se parece com espaço de lanchonete, em nada parecido aos salões de salão de banquetes da Babette e da Tita. É preciso ser breve. O pensamento da cozinheira se inicia com um sonho de amor. Babette e Tita queriam matar de amor aqueles que iriam provar a sua comida. Eram especialistas no kamasutra da mesa. Não comendo, mas apenas provando a comida que preparavam, elas se alimentavam da pura fantasia do prazer que os convidados iriam ter. E com este sonho que se inicia o preparo do banquete, muito antes de que qualquer coisa prática seja feita. O sonho, apossando-se magicamente do corpo, convoca a inteligência, a razão prática para o trabalho. A inteligência é a Bela Adormecida: só acorda do seu sono quando tocada por um beijo de amor.

(Assim são os corpos das crianças e dos adolescentes, castelos de muitos quartos, em cada um deles dormindo uma inteligência, à espera de alguém que as acorde.)

Acordada, a inteligência se põe a trabalhar para realizar o sonho. A ciência é serva do amor. Isso é a essên-

cia da minha filosofia de educação.

(Blake disse que "o prazer engravida; o sofrimento faz parir". O trabalho de produção do objeto do amor é o sofrimento-alegre do parto, que se iniciou com o prazer da concepção.)

Assim, pois, as cozinheiras, mestras, resumem a sua filosofia: o *sabor*, o prazer, é o objetivo da vida, o fim de todas as coisas. Para ele vivemos. O *saber*, a ciência das receitas e dos utensílios, é apenas o meio necessário e indispensável para o fim último do prazer. Isto que digo sobre a filosofia das cozinheiras Santo Agostinho, 15 séculos atrás, o disse teologicamente sobre a vida inteira. Todos os objetos do mundo, ele diz, se dividem em duas classes. De um lado está a *classe das utilidades*: utensílios, ferramentas, panelas, facas, canetas, martelos, a técnica, as receitas, o conhecimento. Esses objetos, úteis e indispensáveis, são apenas *meios* e *pontes*. Por isso, não nos dão felicidade.

De outro lado está a *classe dos objetos de fruição*, que nos dá prazer: a fruta, a sonata, o poema, o quadro, o pôr-do-sol, o beijo. É o mundo do sabor. Esses são os objetos que nos dão felicidade. Para eles vivemos. São o propósito da vida. Olho para a educação com olhos de cozinheira e me pergunto: que comidas se preparam com os corpos e mentes das crianças e adolescentes, nesses imensos caldeirões chamados escolas? Porque educação é isso: um processo de transformações alquímicas que acontece pela magia da palavra. Que prato se pretende servir? Que sabor está sendo preparado?

Reconheço a hipertrofia da *classe das utilidades*: teses sem fim sobre os mecanismos psicológicos, sociais, econômicos e políticos da educação, uma infinidade de métodos para o controle de qualidade e avaliação de aprendizagem, e uma exuberância da parafernália tecnológica (ah, o fascínio dos micros!) a ser usada no ensino.

Mas as panelas não garantem a qualidade da comida. Os meios não resolvem os fins. Para que se educa? Por que enviamos nossos filhos às escolas? Responde a nossa filosofia econômica que é para formar bons profissionais, para que os jovens consigam se encaixar no mercado de trabalho. Mas isso equivale a dizer que o objetivo da educação é transformar crianças e adolescentes em ferramentas, utensílios, objetos úteis. Pois é isso que é um profissional: um corpo que foi transformado em ferramenta. Mas isso não pode ser o objetivo da educação. Como disse o professor do filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*, engenharia, medicina, química, eletrônica e saberes semelhantes são coisas boas, *meios* para se viver. Mas estes saberes não nos dão *razões* para viver.

É isso que aprendi das cozinheiras: que é preciso pensar a partir do fim. É isso que não vejo acontecendo. Sabemos muito sobre a ordem dos *meios*. Pouco ou nada sabemos sobre a ordem dos *fins*. É compreensível. Para se pensar nos fins é preciso ser sábio. Mas sabedoria é coisa fora de moda, da qual os próprios filósofos se envergonham. Coisa da velhice, o momento da coruja de Minerva...

■ Rubem Alves, professor aposentado da Unicamp, é autor de "Histórias de quem gosta de Ensinar", entre outros livros.